

Entrevista: Almir Suruí

Líder indígena de RO fala de desmatamento, política e esperanças

No dia 11 de março deste ano, a sede da ONG Kanindé – Associação de Defesa Etno-ambiental em Porto Velho, Rondônia, amanheceu em rebuliço. Por volta das 9 h, havia chegado a informação de que os fios do telefone da casa de Almir Suruí, em Cacoal, tinham sido cortados a mando de madeireiros locais, o que poderia significar um iminente ataque de pistoleiros. A aflição em Porto Velho só amainou quando de Cacoal veio a notícia de que ele e sua família estavam em segurança.

O temor pela integridade física de Almir num momento em que a Polícia Federal e o Ibama estavam em plena operação Arco do Fogo, autuando os agentes do crime organizado em Rondônia e fechando madeiras irregulares, não era infundado. Uma das principais lideranças indígenas da Amazônia, Almir, chefe de clã dos paiter-suruí da Terra Indígena (TI) Sete de Setembro e cacique de sua aldeia, foi alvo de ameaças de morte por inúmeras vezes. A situação se agravou a tal ponto que, em 2007, teve de deixar o estado por sete meses.

Atirado e falador, desde os 19 anos Almir Suruí, o mais novo de sete filhos de um dos caciques da Sete de Setembro, resolveu enfrentar os madeireiros que atuam na TI desde a sua homologação, no início da década de 1980 - apenas nos últimos anos, 7 mil hectares de floresta foram derrubados ilegalmente na área suruí -, denunciando os crimes não apenas no Brasil mas nos principais foros internacionais de defesa dos direitos humanos e indígenas. Sua última jogada foi a celebração de um acordo com a empresa Google, que disponibilizará em sua ferramenta Google Earth as imagens da devastação na TI. Muita gente não gostou.

A luta de Almir e seus projetos de desenvolvimento sustentável para a Amazônia lhe valeram, no início deste mês, o convite para palestrar no II Global Greens em São Paulo, encontro dos partidos e movimentos verdes de todo o mundo. Nesta entrevista à Heinrich Boell, ele falou de seu trabalho e do que espera do PV brasileiro, partido ao qual é filiado desde 1997 e pelo qual concorreu à assembléia legislativa de Rondônia em 2002 e pretende tentar uma vaga no senado federal em 2010. Leia a seguir os principais trechos da conversa.

Heinrich Boell – *Nos últimos levantamentos do Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE) sobre os desmatamentos na Amazônia, Rondônia se destacou com um dos Estados com maior índice de deflorestação. Como a atuação das madeiras tem impactado as terras e os povos indígenas?*

Almir Suruí – Os problemas decorrentes da invasão dos territórios indígenas remontam à década de 1970, quando o Governo Federal fez a BR 364 e incentivou a colonização da região. Em 1969, quando os paiter-suruí foram contatados, a sua população era de aproximadamente 5 mil pessoas. Em pouco tempo fomos reduzidos a cerca de 250, tanto em função de conflitos quanto das epidemias. Em 1986, a própria Funai, alegando falta de recursos, introduziu a indústria madeireira na TI Sete de Setembro (247.146 hectares entre os municípios de Cacoal-RO e Rondolândia-MT), homologada em 1983. Hoje, há cerca de 50 madeiras atuando na região. Calculo que 99% da madeira utilizada venham da TI, já que não existem outras áreas de floresta na região.

HB – *Mas como os suruí têm lidado com a situação?*

Almir Suruí – A pressão do setor madeireiro sobre os indígenas é muito grande, e o aliciamento de lideranças é uma prática que sempre ocorreu. Mas conseguimos, por outro lado, implantar na TI o maior projeto de reflorestamento do Estado, o Plano de Gestão Sustentável Sete de Setembro. Ele contempla as áreas de saúde, educação e resgate cultural, mas também geração de renda através do manejo de quase 250 mil hectares de floresta com vistas à melhoria da qualidade de vida. 50% da população da TI estão neste projeto, que começou com o replantio de espécies que têm relação com a nossa espiritualidade e os nossos rituais. Outro foco são as árvores frutíferas,

nativas e comerciais, como cupuaçu, caju, açaí, banana, laranja, abacate, jaca, etc. Hoje ainda temos algumas áreas de pasto, mas quando chegar a hora de optar entre o gado e o reflorestamento, tenho por mim que vamos plantar árvores em área de pasto. É um processo de formação política da comunidade, no sentido de mostrarmos que se pode ter desenvolvimento com o trabalho e a preservação, sem o dinheiro fácil das madeiras. O manejo de madeira na TI não é uma hipótese aventada.

HB – *Que impacto este projeto poderá ter para além das fronteiras suruí?*

Almir Suruí – No âmbito global, acredito que este trabalho pode ser capaz de mostrar como é possível planejar melhor o destino do mundo. No plano mais local, porém, poderemos beneficiar toda a região, porque não faz sentido estarmos bem se o entorno da TI também não estiver. Em relação às frutíferas, por exemplo, não vamos dar conta de consumir tudo, a produção vai beneficiar a cidade.

HB – *Além dos projetos na Sete de Setembro, você tem atuado tanto em espaços de debate político nacionais quanto em foros internacionais. Como vê a sua participação, enquanto indígena, nestes espaços?*

Almir Suruí – A partir da minha terra e do meu povo, tento atuar no sentido de mostrar para o mundo como é possível melhorar a vida humana. Não é possível separarmos em grupos os habitantes do planeta, fazemos todos parte do mesmo planeta. Fui do PT até 1997, quando entrei pro PV, onde tive mais espaço político de atuação. Em 2002 fui candidato a deputado estadual, porque considero que a atuação política é importante na luta pelos direitos humanos e indígenas. Acredito que é muito importante um povo pequeno como os suruí participar no espaço político e dar sua contribuição para o mundo.

HB – No II Global Greens, evento que reuniu “verdes” de mais de 80 países em São Paulo, além dos debates globais sobre problemas como mudanças climáticas, florestas e biodiversidade, parece que houve uma busca por um novo denominador comum, uma rediscussão do papel e das atuações dos PVs mundiais. Como avalia o Partido Verde brasileiro, enquanto força política e de luta pelas questões ambientais?

Almir Suruí – Acho que o PV tem que colocar o pé no chão. Em alguns estados, o partido tem assumido posições complicadas, como o apoio aos governadores Ivo Cassol, em Rondônia, e Blairo Maggi, no Mato Grosso. Precisamos propor alternativas ambientais no PV, e pessoalmente é um partido pelo qual tenho paixão e pelo qual quero lutar.

HB – *Vai se candidatar nas próximas eleições municipais?*

Almir Suruí – Não. A minha situação no momento é muito delicada, estou sofrendo muitas ameaças agora. Mas quero concorrer ao senado em 2010. Pelo Partido Verde.